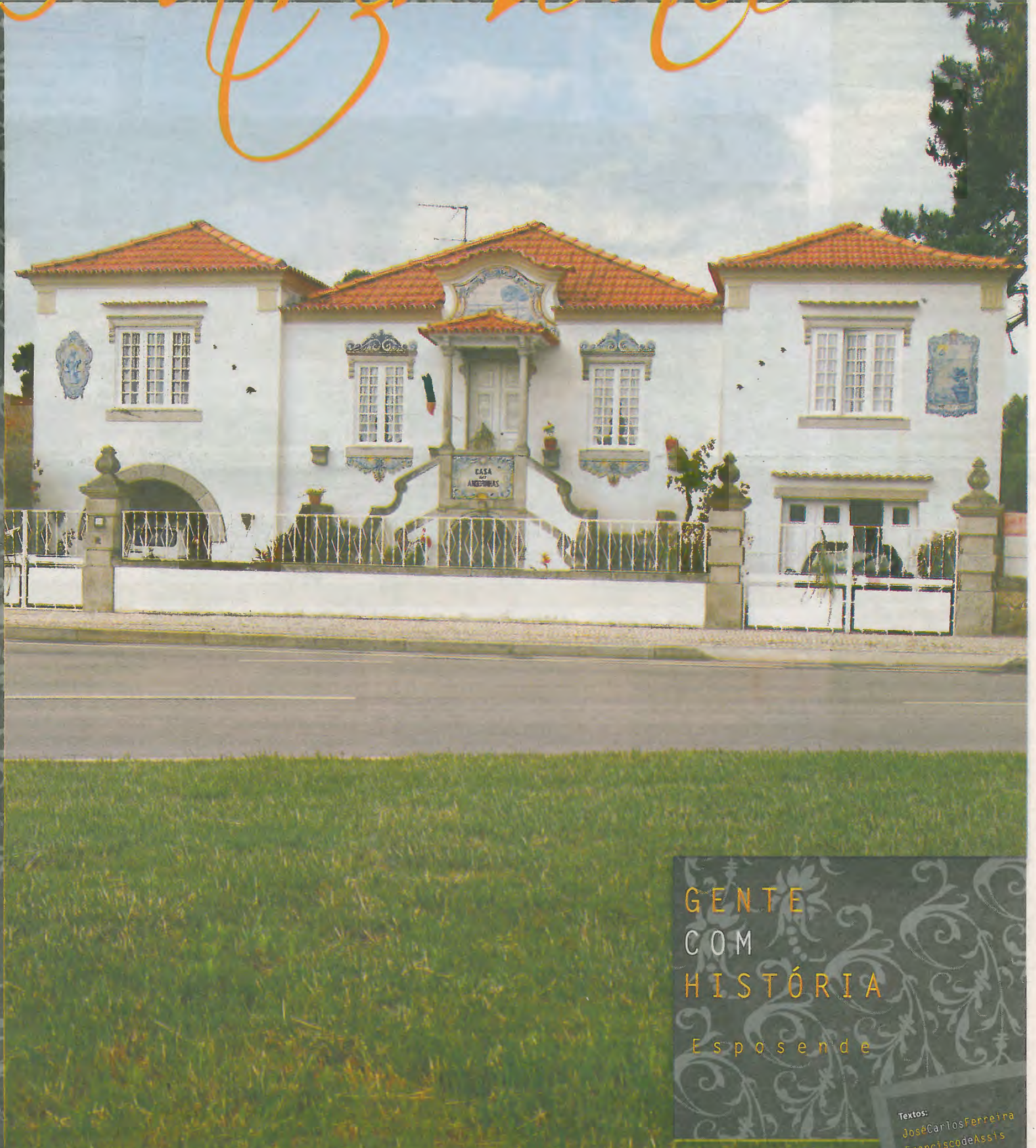


9 DE MAIO DE 2008
Diário de Vinho

Este suplemento faz parte
da edição n.º 28124
de 9 de Maio de 2008,
do jornal Diário de Vinho,
não podendo ser vendido
separadamente.

Património



GENTE
COM
HISTÓRIA

Esposende

Textos:
José Carlos Ferreira
Francisco de Assis
Fotos:
Francisco de Assis



Introdução

Este é o último suplemento "Património" de Esposende e vamos dedicá-lo a algumas personalidades que se destacaram nas mais variadas áreas do saber. Trata-se de um suplemento inédito, uma vez que é a primeira vez que fazemos uma edição sobre este tema.

Vamos falar do poeta Corrêa de Oliveira, do escritor Manuel de Boaventura, do político Rodrigues Sampaio, do pedagogo Mário Gonçalves Viana, dos arquitectos Viana de Lima e Ventura Terra, do músico e padre Borda, do musicólogo padre Alberto José Brás, dos pintores Henrique Medina e João de Freitas e do investigador Manuel de Barros, o menos conhecido, mas não o menos importante. Como é hábito, no último suplemento de cada concelho aproveitamos para agradecer àqueles que nos ajudaram neste trabalho de divulgação do património.

Em Esposende, à cabeça surge Manuel Albino Penteadó Neiva. A ele o nosso público agradece. Em primeiro lugar, pelo acompanhamento e participação na maioria das edições. Graças a ele estivemos sete meses no concelho. Aliás, Esposende deve estar agradecido a Penteadó Neiva, pelo trabalho de investigação e divulgação do património. É igualmente justo agradecer a directora e os funcionários da Biblioteca Municipal, pela disponibilidade, profissionalismo e simpatia no trato. A Câmara Municipal de Esposende e aos senhores padres. A todos o *Diário do Minho* agradece profundamente. Adeus Esposende e olá Póvoa de Varzim.

Obras de Manuel de Boaventura mostram usos e costumes do Minho



> A "Casa de Susão" onde viveu o escritor Manuel de Boaventura

O escritor Manuel de Boaventura classificou-se como o lavrador que «trabalhava nas letras sempre que a rabiça do arado lhe dava folga». Provavelmente, fruto desta aproximação com o povo e a sua linguagem, a ampla obra literária deste contista, segundo os investigadores, continua ainda hoje a mostrar e a perpetuar os usos e costumes, não só do concelho de Esposende, mas também do Minho, fazendo dele um verdadeiro etnólogo.

Manuel Joaquim de Boaventura nasceu a 15 de Agosto de 1885 em Vila Chã, no concelho de Esposende e, aos cinco anos, após a morte da mãe, acompanha o tio Manuel Inácio para Peniche. Em Leiria fez o seu exame de instrução primária em 1898, frequentando depois os primeiros anos do Liceu de Guimarães. De regresso a Leiria, aí diploma-se como professor primário em 1903. Já no Minho, Manuel de Boaventura dedica-se à recolha de lendas e tradições de Vila Chã e, escolhe uma delas para um dos seus primeiros romances intitulado "O Solar dos Vermelhos", que seria o seu primeiro livro publicado, depois de ter sido editado em folhetins no semanário "O Esposendense".

Após a implantação da República, e já em 1912, o escritor é acusado de conspirador e preso no Convento de S. Barnabé, em Braga, onde escreve um violento panfleto intitulado "As vítimas dos pseudo-revolucionários de Esposende", que chega a todo o país. Nos 90 dias de prisão escreve ainda "Memórias dum Conspirador", sob o título "No Presídio".

Em 1916, Manuel de Boaventura edita o 1.º volume do "Vocabulário Minhoto, com 1.340 étimos, fazendo depois sair o 2.º volume em 1922, com 1364 vocábulos novos. Em 1927, o escritor edita "Contos do Minho" e, só vinte anos depois, e, 1947, por imposição profissional, publica "Ânsia de Perfeição" e "Contos Imperfeitos". Depois de 1950, quando é homenageado em Barcelos pelos seus 50 anos de vida literária, Manuel de Boaventura publica vários livros, sendo esta época em que mais escreve.

Para além de toda a sua actividade literária, Manuel de Boaventura colaborou também em diversos jornais, entre os quais, o *Diário do Minho*. O escritor faleceu a 25 de Abril de 1973 num acidente de viação junto à capela da Senhora da Saúde, em Esposende, onde também morreu o seu filho mais velho, que estava a conduzir o automóvel.

O poeta Corrêa d'Oliveira

Outra individualidade da escrita ligada a Esposende é o poeta António Corrêa d'Oliveira que, embora ali não tenha nascido, viveu uma parte da sua vida na Quinta de Belinho, na freguesia de S. Paio de Antas. O poeta nasceu a 30 de Julho de 1878 em S. Pedro do Sul. Segundo J. M. da Cruz, num trabalho intitulado "Seis Estudos sobre o poeta António Corrêa d'Oliveira", «os primeiros versos, que fez imprimir com o título "A Rainha é nossa mãe – Salvé Rainha" e ofereceu a D. Amélia, que em 23 de Maio de 1896 chegava a S. Pedro do Sul para tratamento termal, vieram publicados no "Comércio de Vizeu" em 2 do mês seguinte». «Desde pelo menos 17 de Setembro de 1896 no mesmo jornal, assinados somente por António Correia, outros apareceram, destinados a livro a intitular "Sete Dores", de onde saíram as que ocupam 11 das 24 páginas da estreia Ladainha (1897), saudada auspiciosamente por Trindade Coelho», acrescenta o professor da Universidade de Coimbra. Depois de uma passagem por Sesimbra, onde trabalhou como tesoureiro de finanças, o poeta vai para Lisboa em 1900, obtendo o lu-

gar de amanuense na Procuradoria Geral da Coroa e da Fazenda.

«Frequenta o salão literário de Maria Amália Vaz de Carvalho, lê Camilo, Hugo e Zola, assim como Lucrécio, e principalmente Haeckel e o Ed. Schuré de "Les Grands Initiés – Esquisse de l'Histoire Secrète des Religions", e outros autores então em voga», conta J. M. da Cruz. Em 1908, António Corrêa d'Oliveira é eleito correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e, no ano seguinte, da Academia Brasileira de Letras. Segundo o investigador, «fazem associar-se-lhe o nome ao chamado "saudosismo" a amizade com Pascoaes e o aparecimento entre os primeiros trinta colaboradores de "A Águia" [uma revista que ressurgiu agora], onde entra com a poesia "Ciprestes" e Cortesão lhe faz a caricatura, e com "Andorinhas", que são os primeiros versos a Belinho, como acompanhando a noiva que conheceu em Lisboa e regressara ao Minho». Assim, o poeta casa em 1912 com Maria Adelaide da Cunha Sotomaior de Abreu Gouveia, fixando a sua residência na Quinta de Belinho, em S. Paio de Antas, onde produziu uma grande parte da sua obra. Ali faleceu a 20 de Fevereiro de 1960.

Padres Manuel Borda e Alberto Brás notabilizaram-se na música

O padre Manuel de Faria Borda, nascido a 7 de Agosto de 1914 na vila de Fão, e o padre Alberto José Brás, nascido a 7 de Abril de 1900 em Curvos, notabilizaram-se na Arquidiocese de Braga, e mesmo no país, pelo trabalho que desenvolveram ao nível das artes musicais. Filho de José Dias dos Santos Borda e de Raquel de Faria Borda, Manuel de Faria Borda entrou para o Seminário de Nossa Senhora da Conceição a 7 de Outubro de 1925, com 11 anos de idade.

Quando está a frequentar o Curso Teológico, decide dedicar-se ao estudo do órgão e, em 1936, é chamado a leccionar solfejo cantoral e piano no Seminário menor, onde, com o orfeão infantil, funda o grupo de Pequenos Cantores da Imaculada. Em 1940, o padre Borda assiste a interpretações de obras da sua autoria nas comemorações dos centenários da fundação e restauração de Portugal realizadas em Guimarães e em Braga, que contam com a presença do Presidente da República. E, com os Pequenos Cantores da Imaculada, grava um disco com composições suas.

É o autor de "Cânticos de Natal", "Harpa da Eucaristia", "Missa de Santa Luzia", "Missa em honra de S. Bento", "Florilégio Eucarístico", "Marcha Catequística", "Adeus" e "Rosa Mística", entre outras composições.

No seu percurso formativo, frequenta o Conservatório de Música do Porto, cursos de direcção coral na Fundação Calouste Gulbenkian e as aulas da Escola Superior de Música. De regresso à sua terra natal, o sacerdote funda em Julho de 1976 o Grupo Coral de Fão, que actuou em encontros de coros e participou nas missas dominicais da RTP.

Num artigo publicado no jornal "Nascer de Novo", J. V. salienta que «quer pelo lugar que ocupou como professor no Seminário [onde leccionou durante 35 anos], quer pelo trabalho revelado na sua obra, o padre Manuel de Faria Borda contribuiu para a formação musical de muitas gerações e, no ensino desta bela arte não se contentava com uma execução razoável».

O padre Manuel de Faria Borda faleceu a 6 de Março de 1992, na Casa de Saúde da Boavista, no Porto, tendo o seu funeral sido realizado no dia seguinte, presidido pelo Arcebispo de Braga, D. Eurico Dias Nogueira.

Vocação do Pe. Brás começou muito cedo

O padre Alberto José Brás nasceu em Curvos e, desde muito cedo, começou a manifestar a sua vocação



> O padre Manuel de Faria Borda fundou o Coral de Fão



> O padre Alberto José Brás foi baptizado na igreja de Curvos

para música, que seria uma das paixões da sua vida.

Quando acabou os estudos de instrução primária, dedicou-se à lavoura e, nos momentos em que guardava os animais, elaborava uma espécie de flauta com as cânulas de folhas de abóbora para tocar. «Apixonado desde criança pela maravilhosa arte dos sons e possuído dum elevado poder de observação, foi o primeiro professor de si próprio», afirma Álvaro Carneiro a propósito deste sacerdote no livro "A música em Braga".

Em 1919, o pároco de Curvos, sabendo a origem humilde deste jovem, consegue que a sua madrinha de baptismo proporcionasse a entrada no Seminário de Braga. Aí, aprende as lições de música com o padre Alaio, que o faz salientar como elemento valioso e preponderante do Orfeão do Seminário.

A 29 de Junho de 1928, Alberto José Brás é ordenado sacerdote e fica no seminário, onde auxilia o padre Alaio, dando aulas de solfejo e canto, acabando por continuar a reforma de música sacra que o seu mestre iniciara e não pôde finalizar devido a questões de saúde.

Já em Setembro de 1932 assume a direcção do Orfeão do Seminário Conciliar e a aula de Canto Grego-



> Os dois sacerdotes deram aulas no Seminário Menor

riano e, em 1933 é-lhe confiada a direcção do Orfeão de Braga, mantendo bem alto o nível artístico deste grupo. Em 1935, o padre Brás organiza e dirige o Orfeão da Escola Normal e, em 1938 o Orfeão da Escola Industrial.

A 24 de Junho de 1940, o sacerdote viveu um dos momentos mais altos da sua vida artística, ao diri-

gir o grupo coral masculino, com cerca de 250 vozes, que animou, em Guimarães, a missa presidida pelo Arcebispo de Braga, para celebrar o 8.º centenário da fundação de Portugal, onde estiveram presente o Chefe de Estado e o presidente do Conselho. Autor de cerca de 70 obras musicais, o padre Alberto José Brás

foi dispensado dos serviços no Seminário a 30 de Junho de 1964 e nomeado capelão de Santa Luzia, em Viana do Castelo. Atingido por uma doença grave, o sacerdote fixou residência em Curvos a 10 de Março de 1969, vindo a falecer a 26 de Junho de 1976. O seu funeral foi presidido pelo Arcebispo de Braga.

ARQUITECTO COM MUITO TRABALHO NO BRASIL E EM PORTUGAL

Viana de Lima notabilizou-se como consultor da UNESCO

Neste suplemento que denominamos "Gente com História" não poderiam faltar arquitectos que se notabilizaram em Esposende, ou por terem nascido no concelho ou por causa dos projectos realizados. Um nome incontornável é o do arquitecto Alfredo Evangelista Viana de Lima, várias vezes destacado como consultor da UNESCO em diferentes países, principalmente no Brasil.

Viana de Lima nasceu em Esposende a 18 de Agosto de 1913. Concluiu o curso de arquitectura na Escola de Belas Artes no Porto, em 1938, com 19 valores. As suas qualidades técnicas e de investigador levaram-no a trabalhar durante três anos na Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, entre 1938 e 1941, num período de grande intensidade laboral deste organismo estatal, na recuperação de diversos edifícios classificados.

Em 1996 foi homenageado com uma exposição e os comissários Sommer Ribeiro e José Rodrigues não pouparam em palavras elogiosas para com Viana de Lima, tanto como homem como nas qualidades técnicas. «Viana de Lima foi um professor de muitos méritos e foi sempre um homem simples, humano e solidário (...) modesto, como só os grandes o sabem ser, gostava de levar os amigos a ver as suas obras, não para que o vangloriassem, mas pelo simples prazer de mostrar o que, com amor, fazia. Sempre frontal nas suas apreciações, não vacilava nunca e sempre foi implacável com a mediocridade». O zelo e a seriedade que punha em cada projecto terão sido argumentos fortes que levaram a UNESCO a contratá-lo como consultor para a reabilitação de cidades históricas no Brasil, nomeadamente Ouro Rio Preto e mais tarde, para a reabilitação de cidades como São Luís e Alcântara, no estado de Maranhão, Laranjeiras e S. Cristóvão, no estado de Sergipe, Marechal Teodoro e Penedo, no estado de Alagoas. Foi aliás, nestes projectos que conviveu e trabalhou com o famoso arquitecto brasileiro Óscar Niemeyer, agora com 101 anos de idade, ainda em plena actividade.

Sem grandes obras em Esposende

Em 1976 voltou a ser convidado

pela UNESCO, desta vez para ser docente do primeiro projecto de Protecção, Restauro de Imóveis Classificados e de cidades históricas, organizado pela Faculdade de Arquitectura a Universidade Federal do Recife.

Participou em inúmeros congressos além-fronteiras, representou Portugal em reuniões internacionais, desempenhou cargos em instituições internacionais no ramo da arquitectura e, em 1975 foi nomeado presidente da Comissão Nacional do Ano do Património Arquitectónico Europeu. Também em Portugal foi consultor de um sem número de projectos, tanto a convite do Estado como de organismos privados, nomeadamente a Fundação Calouste Gulbenkian. Na sua terra natal, Viana de Lima não tem grandes obras de referência. Ainda assim, uma intervenção no hotel Suave-Mar serviu de mote para uma homenagem da Câmara de Esposende, que lhe atribuiu a "Medalha de Ouro de Serviços Distintos de Esposende". Proposta votada por unanimidade.

Em 1962, a autarquia convidou-o a elaborar o Plano de Urbanização de Esposende, de Apúlia e da Zona de Fão/Ofir. Terá aceiteado, mas como três anos depois ainda não tinha entregue os documentos, a Câmara Municipal prescindiu dos seus serviços.

Ventura Terra em Esposende

Estando a falar do património de Esposende, e numa página sobre arquitectos, achamos justo fazer referência a um dos grandes arquitectos portugueses: Miguel Ventura Terra, autor de alguns dos mais emblemáticos projectos nacionais dos finais do século XIX e inícios do século XX. Esposende também se orgulha de ter dois projectos dele: o Museu, antigo Teatro Club e o Hospital de Esposende.

Ventura Terra nasceu em Seixas do Minho, Caminha, em 1866 e faleceu em 1919. Renovou o Palácio de S. Bento, fez o santuário de Santa Luzia, em Viana do Castelo, a Casa Ventura Terra, Casa Visconde de Valmor, Palacete Mendonça, todos premiados; fez a Sinagoga de Lisboa, praças, entre muitos outros projectos. Recebeu das mãos do rei D. Carlos o compasso de João Frederico Ludovico, autor do projecto do Convento de Mafra.



> Casa do arquitecto Viana de Lima



> Viana de Lima representou Portugal em missões internacionais



> Museu de Esposende, da autoria de Ventura Terra

NO DIA 29 DE MAIO PASSA O 1.º CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO

Manuel de Barros destacou-se internacionalmente na astrofísica

O professor da Universidade do Porto e investigador Manuel Pereira de Barros, nascido em Esposende, em 29 de Maio de 1908, é, provavelmente, uma das personalidades menos conhecidas deste grupo. No entanto será, a par de Henrique Medina, porventura, aquele cujo trabalho é mais conhecido internacionalmente, especialmente na área da astronomia, tanto no campo teórico como no plano prático.

Foi ele o principal mentor do Observatório Astronómico em Monte da Virgem, no Porto, que, aliás, tem o seu nome.

Num artigo inserido na revista "Esposende IV Centenário", pode ler-se que Manuel de Barros, depois de concluir com êxito a formação em Ciências Matemáticas, com 17 valores, na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, fez, com distinção, o Curso de Engenharia Civil.

«Nomeado assistente do 1.º Grupo da Secção de Ciências e Matemáticas em 1934, foi-lhe confiada a regência teórica de várias cadeiras até depois de se doutorar em 1957, após brilhante concurso por provas públicas».

Manuel de Barros "coleccionou" proveitosos estágios em observatórios astronómicos da Europa e no Canadá e, no regresso a Portugal, passou a dedicar-se quase exclusivamente ao "seu" Observatório do Monte da Virgem. «A sua actividade científica não se limitou ao desenvolvimento teórico de alguns domínios de astronomia. Dotado de excepcional intuição para a concepção de instrumentos astronómicos, projectou a maior parte dos instrumentos que equipam o Observatório do Monte da Virgem e que o tornaram um centro científico de reconhecido interesse internacional», refere a revista.

Aliás, sobre a sua arte de conceber, a 11 de Outubro de 1941, Ruy Luís Gomes dirigiu uma carta a Celestino da Costa, então presidente do Instituto Para a Alta Cultura (IPAC), alertando para a sobrecarga de trabalhos de Manuel de Barros. Entre as ocupações estava precisamente a concepção e feitura de equipamentos para o Observatório.

«Além de todo este serviço, já de si esgotante, tem dedicado uma atenção invulgar à instalação do Gabinete de Astronomia, projectou e desenhou um Zigómetro (construído aqui no Porto e já instalado no Observatório da Serra do Pilar), um aparelho para medir a equação pessoal (em construção), um Micrómetro Impessoal e o comando mecânico para esse Micrómetro; e até tem feito de mecânico-conservador, pois o Gabinete de Astronomia não possui sequer um», referiu.



> O prestígio de Manuel de Barros ficou demonstrado no curso de Verão da NATO



> A casa do cientista, junto ao pelourinho

Perante a quantidade de tarefas, este esposendense não pôde prosseguir com um dos seus sonhos que era a formação de astrónomos.

Esposende recebeu cientistas internacionais

De facto, nessa altura, Ruy Gomes lembrava que este cientista teve, em anos anteriores, o encargo de dar mais de trinta horas de aulas práticas por semana, nas disciplinas de Astronomia, Aperfeiçoamento de Astronomia, Topografia, Geodesia, Geometria Descritiva e Desenho de Máquinas. À época, as suas invenções foram consideradas inovadoras, nomeadamente o "Círculo Meridiano do Espelho", despertando «grande interesse nos centros astronómicos, existindo apenas um outro na Rússia de características análogas, no Observatório de Pulkopvo, próximo de Leninegrado [S. Petersburgo]». O seu trabalho foi reconhecido internacionalmente, como ficaram expressos nos mais variados depoimentos recolhidos após a sua morte, como se pode ler num artigo de José Osório. Mas, já em vida, era um nome respeitado na investigação astrofísica, ocupando cargos em várias instituições



> Antiga habitação de Manuel de Barros, dá sinais de abandono

deste ramo científico. O reconhecimento e o prestígio além fronteiras de Manuel de Barros ficou igualmente demonstrado quando, em Setembro de 1970, foi incumbido pela OTAN ou NATO (Organização do Tratado do Atlântico Norte) para organizar um curso de

Verão em Portugal. A formação teve lugar no Porto e em Esposende. «Fez deslocar então a Portugal o Astrónomo Real de Greenwich, muitos cientistas e professores dos países da OTAN e inúmeros pós-graduados de formação universitária». No campo da matemática, fez parte

do projecto da criação de uma escola de Matemática, juntamente com mais seis amigos: Ruy Luís Gomes, Alfredo Pereira Gomes, Luís Neves, Manuel Gonçalves Miranda, António Monteiro e António de Almeida Costa. Manuel de Barros faleceu em Janeiro de 1971, no Porto.

JOÃO DE FREITAS FOI AGUARELISTA, JORNALISTA, MÚSICO, ETC.

Retratista Henrique Medina mostrou Esposende ao mundo

Henrique Medina é, porventura, o pintor/retratista mais conhecido da região minhota e, certamente, um dos mais conhecidos no país. Aliás, os seus trabalhos estão espalhados por Portugal inteiro e soube mostrar Esposende ao mundo através das suas paisagens. A frase do historiador Joaquim Veríssimo Serrão, falecido recentemente, então presidente da Academia Portuguesa de História, intitulada "Henrique Medina: um artista português de dimensão mundial", resume o alcance da obra do pintor que, durante duas décadas, entre 1930 e 1950, foi classificado como "o melhor retratista português". Na apresentação do catálogo em sua homenagem em 1993, o autor escreve que «a genial obra de Medina continua intacta e a impor-se à admiração e ao respeito gerais, com previsível projecção crescente em futuras gerações: pela perfeição, rigor de feitura, riqueza de criação artística e seriedade de processos, sempre em estilo próprio, daquele inimitável pintor contemporâneo português».

Apesar de não ser um filho "legítimo" de Esposende, uma vez que nasceu no Porto, em 1901, mas assumiu Esposende como sua terra adoptiva, em particular o lugar de Goios, onde passava férias na casa de uma familiar. A partir de 1974 assentou arraiais na aldeia até à sua morte, no dia 30 de Novembro de 1988, com 87 anos de idade.

Teve uma longa vida artística, sensivelmente 75 anos, uma vez que, pintou desde os dez anos até à morte. Uma longa jornada de trabalho que o levou aos píncaros da fama em muitos países do mundo, particularmente na Europa e nos Estados Unidos.

A sua pena passou para a tela algumas das figuras de topo do seu tempo, além de paisagens, incluindo de Esposende.

«Aquele sentimento de profundo apreço, ainda muito jovem e espontaneamente, a iniciar como que uma verdadeira cruzada de divulgação desta linda terra minhota, através dos seus quadros de composição mais favoritos. Assim, Esposende foi sendo nomeada em longínquas paragens do mundo, onde e quando, por vezes, ainda era ignorada», pode ler-se no catálogo acima referido.

A obra de Medina e sobre o que dele se disse dava para muitos suplementos. Porém não é este o propósito destas páginas. Aqui que-



> João de Freitas, um aguarelista por excelência

remos, apenas, refrescar a memória dos leitores menos atentos, reforçando a ideia de que Medina foi, de facto, um artista de nível mundial. Além de Esposende, onde há um museu com o seu nome, os seus trabalhos estão expostos em Braga, Porto, Caldas da Rainha, Famalicão, Coimbra, Lisboa, Viseu, Açores, entre muitos outros. Estudou e trabalhou em Paris, Londres e Califórnia, entre outros locais e a sua obra está um pouco por todo o mundo. Recebeu algumas das mais altas condecorações nacionais, incluindo o de comendador da Ordem de S. Gregório Magno, Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique, Medalha de Ouro da Academia de Belas-Artes de Lisboa, entre outros prémios.

João de Freitas, um grande aguarelista

Apesar de não ter a dimensão de Henrique Medina, João de Freitas é um nome de referência no concelho de Esposende. Também é um facto que ninguém sabe até onde poderia

chegar a sua arte, caso não tivesse morrido tão cedo, com apenas 47 anos. Aliás, faleceu precisamente no ano em que se preparava para a sua primeira exposição internacional, no Brasil.

João de Freitas nasceu em Junho de 1879 e faleceu em Outubro de 1926. Segundo um artigo do neto João José Rodrigues de Freitas, o avô foi, entre 1890 e 1896, «um aluno distinto do curso de Artes da Escola de Artes e Ofícios Nuno Álvares, de Viana do Castelo».

No texto acima citado, João de Freitas é classificado como «um notável aguarelista esposendense. Começou por fazer gravuras em buxo, utilizadas em jornais locais, nomeadamente "O Esposendense" e "O Novo Cávado". Depois dedicou-se à aguarela, a óleo e à pena de carvão. Apesar de se sentir bem em outras técnicas, destacou-se na aguarela. Há tempos foi feita uma exposição com 35 trabalhos só em aguarela. Pintou a capela de S. João, várias igrejas de Esposende, o farolim, casas, a barra velha do Cávado, os moinhos da abelheira, entre outros

DR



> Obras de Henrique Medina estão espalhadas pelo país e no estrangeiro



> Esposende homenageou Medina com museu, escola e busto

temas. Foi jornalista de jornais locais e correspondente do "Diário de Notícias"; era um bom músico e compositor,

sentindo-se atraído pelo mundo do espectáculo. Era, de facto, um homem de sete ofícios, mas, acima de tudo, um bom aguarelista.

António Rodrigues Sampaio foi jornalista ímpar e político de excepção

Nascido a 25 de Julho de 1806 a pouca distância da igreja velha de S. Bartolomeu do Mar, António Rodrigues Sampaio é considerado um jornalista ímpar e um político de excepção do seu tempo. Destinado desde cedo a seguir a carreira eclesiástica, estudou as primeiras letras e a gramática com o pároco de Belinho e o latim com o padre das Marinhas. Fez exame no convento dos carmelitas de Viana do Castelo e toma as ordens menores em 1821. Prossegue os estudos e, por não ter idade para tomar as ordens de subdiácono, regressa a casa e começa a ensinar gratuitamente o latim. Com a perseguição aos liberais pelo governo miguelista, Rodrigues Sampaio é obrigado a fechar as suas aulas gratuitas e, a 1 de Novembro de 1828, quando estava a ajudar à missa na igreja velha de S. Bartolomeu do Mar, é preso com o pároco.

Encerrado na prisão do aljube de Braga é passado ao aljube do Porto, onde conhece outros presos políticos e solidifica os seus ideais liberais. Quando libertado, vai trabalhar para Barcelos e, motivado para o sucesso do liberalismo alista-se no Regimento de Voluntários da Rainha, combatendo por D. Pedro IV até ao fim das guerras liberais. Terminada a guerra civil, Rodrigues Sampaio obtém um lugar de guarda na alfândega do Porto. Fazendo-se substituir, integra a redacção do jornal "Vedeta da Liberdade". A 19 de Setembro de 1836, tendo o Partido Cartista sido derrubado, é nomeado secretário geral do distrito de Bragança, sendo depois transferido para administrador geral desse mesmo distrito. Em 1840, demitido desta função, Rodrigues Sampaio entra para o jornal "A Revolução de Setembro", onde escreve contra o poder.

Afecto ao Partido Regenerador, Rodrigues Sampaio mantém-se como redactor político do jornal e é eleito em 1851 deputado, cargo para o qual é reeleito várias vezes. No parlamento intervém sobre praticamente todas as matérias da vida política e integra muitas comissões, com destaque para as que respeitavam a educação e a administração interna. Em 1870 assume, por 12 dias, a pasta de ministro do Reino, voltando a ser chamado para o mesmo cargo em 1871. A 23 de Março de 1881, Fontes Pereira de Mello não quis assumir o poder e Rodrigues Sampaio recebe a presidência do conselho. Contudo, a 11 de Novembro desse mesmo ano, adoentado, retira-se do poder para a sua casa em Sintra, onde faleceu a 13 de Setembro de 1882.



> Rodrigues Sampaio faleceu na sua casa em Sintra

Mário Viana pedagogo e escritor

Nascido em Lisboa, a 6 de Outubro de 1900, Mário Gonçalves Viana, filho do arquitecto esposendense Manuel José Gonçalves Viana, passou grande parte da sua vida em Esposende, onde tinha a sua casa, conhecida pela "Casa das Andorinhas", onde produziu uma boa parte da sua obra literária.

Mário Gonçalves Viana é ainda hoje considerado um escritor erudito, professor, pedagogo, ensaísta e crítico, investigador e conferencista de renome no seu tempo. Em Coimbra, estudou no Colégio Moderno, tendo sido redactor do jornal "A Madrugada", propriedade dos alunos daquele estabelecimento de ensino. Depois de concluir a licenciatura em Direito em 1923, desempenha funções de redactor principal e de crítico literário no "Jornal do Comércio e das Colónias", em Lisboa.

Entre 1934 e 1936 exerce o cargo de conservador do Registo Civil em Manteigas, tendo depois vindo para Esposende para leccionar, entre

1937 e 1943, no extinto Colégio Franco-Lusitano.

Em 1944, Mário Gonçalves Viana é nomeado professor do Instituto Nacional de Educação Física, para reger as cadeiras de Pedagogia Geral e História da Educação Física, Organização Cooperativa, Psicologia Geral e Psicologia Aplicada. Tornando-se director daquele instituto, assume o cargo de vogal na Junta Nacional de Educação.

Ao longo do seu percurso, Mário Gonçalves Viana foi conferencista e autor de mais de uma centena de estudos de cariz pedagógico, biográfico e de crítica literária, tendo dedicado alguns dos seus estudos à museografia e biblioteconomia. Foi ainda sócio honorário do Esposende Sport Club e director do "Almanaque de Esposende", para 1928.

Mário Gonçalves Viana faleceu a 16 de Setembro de 1977 na sua "Casa das Andorinhas", deixando por acabar um grande Dicionário da Língua Portuguesa, que já se encontrava em fase muito adiantada.



> Monumento de homenagem no centenário do seu nascimento em 1906



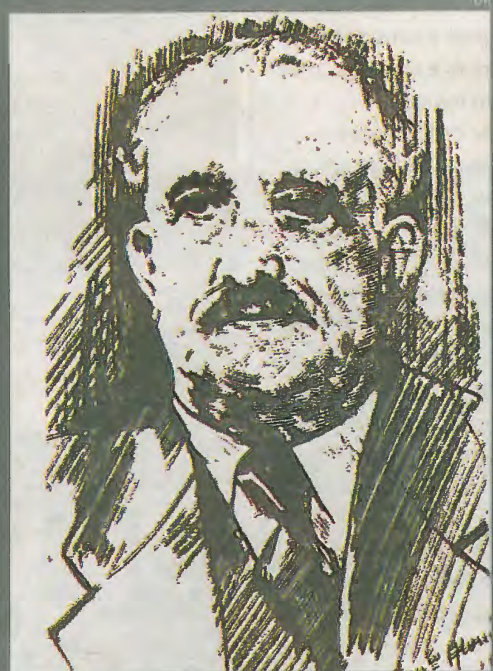
> Mário Gonçalves Viana fez parte da Junta Nacional de Educação



> O projecto do monumento de homenagem a António Rodrigues Sampaio, que se encontra em frente à igreja de Esposende, foi elaborado pelo professor e arquitecto Manuel José Gonçalves Viana, pai de Mário Gonçalves Viana. O busto esteve a cargo do escultor José Rodrigues Moreira Rato Júnior



> O poeta António Corrêa d'Oliveira é natural de S. Pedro do Sul mas passou uma grande parte da sua vida na Quinta de Belinho, em S. Paio de Antas. Pela sua obra literária, o poeta foi proposto ao Prémio Nobel por um grupo de sócios da Academia das Ciências de Lisboa, universitários e escritores de Portugal e de outros países europeus



> Manuel de Boaventura colaborou com diversos jornais regionais e do país. Através da sua pena, o escritor retratou usos e costumes da região, tendo "O Solar dos Vermelhos" sido a sua primeira obra editada em livro em 1909



> Na sua "Casa de Susão", Manuel de Boaventura escreveu uma grande parte da sua obra. Na fachada do edifício estão duas placas de homenagem a este escritor, que um dia se referiu a si próprio como o "patrício do Cávado"



> O busto de Henrique Medina está colocado no centro da cidade de Esposende. Entre as obras deste pintor contam-se os retratos de cinco Presidentes da República, do Prémio Nobel Egas Moniz, do Cardeal Manuel Cerejeira, e do Arcebispo Emérito de Braga D. Eurico Dias Nogueira



> A "Casa das Andorinhas" pertenceu a Mário Gonçalves Viana. Foi aqui que o escritor e pedagogo faleceu, deixando por acabar, mas em fase bastante adiantada, o grande Dicionário da Língua Portuguesa